Correio da Manhã

Divulgação

#cm 2 FIM DE SEMANA

Malu Galli canta MELODIA

Atriz **estreia como cantora** em espetáculo que celebra os **50 anos de "Maravilhas Contemporâneas",** clássico de Luiz Melodia que **ganha nova leitura** no palco. **Página 16**

Inventário de **batalhas**

Estação Claro Gávea acolhe longa de Bigode sobre o atleta que virou usina viva de filmes

ENTREVISTA | **CAVI BORGES**
CINEASTA E PRODUTOR

'Foi no Festival do Rio que passei de espectador a realizador'

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ao procurar o filme ideal para sintetizar o espírito de resiliência de um Festival do Rio que trombou com uma eleição de resultados (ainda que parciais) temerários, o Correio da Manhã não teve dúvidas: o escolhido só poderia ser "O Cinema Possível". Os motivos são muitos, mas, como a gente viu o longa-metragem, de véspera, rola dizer que sua excelência é o fator nº 1. Conta ainda – e muito - o assunto: Carlos Vinícius Borges, bamba do judô que virou dono de videolocadora e transformou seu empório de VHS e DVD na sede de uma prolífica produtora, passando a dirigir incansavelmente.

Hoje ele ainda anima as projeções no Grupo Estação, qual o zé-pereira audiovisual. Conta também a grife da direção: Luiz Carlos Lacerda, o Bigode. Cada vez mais inquieto na raia documental, o poeta e diretor que assinou delícias como "For All – O Trampolim da Vitória" (1997) debruçou-se sobre imagens raras de Cavi, numa trança lírica de memórias e sonhos. O Correio pediu uma declaração ao realizador sobre o longa. O danado respondeu com um poema... inédito... feito para o jornal... para vocês... pro 28º Festival do Rio, que se despede da cidade neste domingo, com sua premiação no Odeon.

Os versos de Bigode sobre Cavi:
Em seu andar de pantera
Há um menino que vive
de calças curtas, presente
a caminhar sobre estrelas
(sendo uma delas Patricia,
dessa mesma natureza,
num pas-de- deux de Cinema).

Seja em Cannes ou na favela,
menino de calças curtas
doce lutador, onde o queiram
Sua presença de fera
fera rompendo grades
que impossibilitem o que seja:
pra ele não há limites
faz da impossível espera
o Cinema do possível

Aprendeu com Mestre Nelson.

Em seu sorriso brejeiro,
o que o motiva, quem sabe?
É o Cinema brasileiro!

Festival do Rio

Produtor, realizador, exibidor e agitador cultural, o ex-atleta e hoje usina de fazer filmes Carlos Vinícius Borges construiu uma trajetória tão improvável que virou personagem de um longa. E é um longa sobre ele e seu legado. Em "O Cinema Possível", Bigode documenta os feitos do artista que saiu dos tatames do judô para transformar uma locadora, a Cavídeo, numa indústria de transformar enredos em narrativas cinematográficas e seriados.

Com isso, seu criador, sob um indefectível figurino composto de bermudão e camiseta, virou uma Netflix humana, um streaming vivo em prol do audiovisual independente brasileiro. A exibição no Festival do Rio do .doc sobre seus feitos ganha um componente afetivo particular: é diante de uma plateia formada também por pessoas que frequentaram sua loja, suas mostras, suas pré-estreias e suas produções que Cavi verá sua própria história ocupar a tela do Estação Claro Gávea 3, às 20h45 desta sexta. Tem uma nova exibição neste sábado, às 16h15, no Estação Claro Rio3. O programa é duplo, pois inclui o curta "Helena! Cinema!", um poema visual que Cavi e Christian Caselli, seu habitual (e mais genial) montador, fizeram para celebrar a atriz e diretora Helena Ignez.

Qual foi a história mais emocionante que você viveu com a Cavídeo?

Cavi Borges - Foram várias situações muito emocionantes. Acho que uma delas foi a ocasião em que ganhei meu primeiro prêmio, que foi inclusive no Festival do Rio, de Melhor Curta, por "7 Minutos", em 2007, junto com Paulo Silva e Júlio Pecly. Depois, teve a ida a Cannes, com "A Distração de Ivan", em 2010, que também foi um momento muito especial.

Qual é a emoção de ver sua história virar filme em "O Cinema Possível"?

Esse filme é mais do que eu. É a Cavídeo. Vai ser muito legal poder ver no telão a história da produtora e um pouco da minha história, desde a época do judô até os dias de hoje. Com certeza, vai ser emocionante estar com o público e os amigos. Acho que estarão na plateia muitas pessoas que viveram e participaram dessa história: primeiro como clientes da locadora, depois participando dos eventos, das mostras, das nossas pré-estreias e dos nossos filmes. E principalmente aqui, no Festival do Rio, meu festival preferido, onde vi meus primeiros filmes e onde passei de espectador a realizador.

Você se lembra do primeiro filme que viu na vida? Onde foi e quem levou você?

Não lembro exatamente qual filme dos Trapalhões foi, mas os primeiros filmes que vi no cinema - e que realmente me impactaram e me emocionaram, fazendo eu me divertir muito numa sala de projeção – foi um dos longas deles. Nasci em 1975, então devia ter uns quatro ou cinco anos. Tenho uma memória muito feliz de assistir a vários filmes dos Trapalhões no cinema e sair amarradão. Eu ia com um amigo do meu prédio, o Zé Gustavo. Mesmo muito novo, ele já era todo cinéfilo, intelectual. Eu pegava carona com ele para ver os filmes. Inclusive foi ele quem me levou para assistir a "Delicatessen", que me impactou muito.

Divulgação



Cavi e o boneco da diretora belga Agnès Varda no saguão do Estação Botafogo

O que mudou de maneira mais radical na forma de fazer cinema no Brasil da pandemia para cá, quando você enfrentou uma luta árdua pela vida, contra a covid-19?

Houve muitas mudanças, mas talvez a principal tenha sido o uso do celular, que ficou muito forte durante a pandemia. Isso permaneceu. Meus últimos curtas, eu filmei todos com celular. Eu tenho feito muitas filmagens com a Patrícia (Niedermeier, bailarina, atriz, diretora, artista visual, coreógrafa e mulher de Cavi), viajando, trabalhando com videoarte e videodança. O celular virou câmera e instrumento de registro: é leve, rápido e hoje consegue alcançar uma qualidade muito alta. Para mim, talvez seja a grande mudança na realização. Se formos pensar em exibição e distribuição, aí as mudanças são imensas: teve o fortalecimento do streaming e, com ele, a criação de novos hábitos de assistir e consumir cinema.

Você está com dois longas inéditos prontos. O que pode adiantar sobre eles?

Temos dois longas da Cavídeo prontos e estamos esperando um festival legal para estreá-los. Um é "Andrômeda", que dirigi com a Patrícia e nasceu do que aconteceu comigo durante a pandemia, quando tive covid e fui intubado. Pegamos esse fato real e imaginamos como se eu tivesse ido para outro planeta, que chamamos de Andrômeda. Criamos uma ficção a partir dessa situação verídica. O outro é "Procurando Maya Deren", da Patrícia, do qual sou produtor e corroteirista. Mistura videoarte, performance, cinema e arquivo. Estamos tentando festivais internacionais. Serão dois filmes que vamos circular bastante em 2027.

E o que você pretende dirigir e produzir daqui para a frente?

Neste momento, estou me dedicando muito ao Cine Brasil TV. Assumimos a coordenação do canal, que tem 22 anos era da Teresa Trautman, e estamos fazendo uma reformulação. Estou produzindo séries, filmes e telefilmes para o canal, muita coisa. Ele se tornou um lugar novo para pensarmos outras formas de produção, para além do cinema e dos festivais, entrando também na TV por assinatura. **(R. F.)**

A despedida de uma disputa **eivada de brasilidades**

Grifes autorais e expressões poéticas encerram a corrida pelo troféu Redentor de 2026



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Duas narrativas documentais ligadas a expressões artísticas radicais e uma ficção sobre a volta por cima (possível) de uma tragédia encerram, nesta sexta-feira, a grade de longas nacionais em disputa pelos troféus da Première Brasil, todos com projeção no Estação Claro Gávea das 17h à 0h. É dia de "Cão Sem Plumas", de Camila Valença; "Elza", de Eryk Rocha; e "Vicentina Pede Desculpas", de Gabriel Martins. Com eles, termina a seleção 2026 da mostra competitiva que, ao longo das últimas duas décadas e meia, virou a menina dos olhos do Festival do Rio, na triagem das muitas brasilidades desta nação.

Inspirado por João Cabral de Mello Neto (1920-1999), "Cão Sem Plumas" viaja do Agreste ao mar, flanando pelo rio Capibaribe, numa interseção de versos com a dança de Deborah Colker. O exercício de não ficção de Eryk Rocha põe o realizador de "Cinema Novo" (2016) nos rastros de Elza Soares (1930-2022), para entender como ela virou porta-voz das pautas identitárias das mulheres pretas do país.

Último filme da grade competitiva da Première a estrear, o drama mineiro "Vicentina Pede Desculpas", novo longa de Gabriel Martins, de "Marte Um" (2022), concorreu à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, na Espanha, há duas semanas. Passou antes pelo TIFF, o Festival de Toronto, e, em novembro, estreia na Netflix. Estrelado por Rejane Faria, o novo trabalho da badalada produtora das Gerais Filmes de Plástico acompanha uma aposentada de 75 anos que procura as famílias das vítimas de um acidente de ônibus provocado pelo filho, morto na tragédia, depois que surgem suspeitas de que ele teria derrubado intencionalmente o veículo de um viaduto.

Divulgação/ Netflix



Rejane Faria emprega com precisão seu vasto ferramental dramático em Vicentina Pede Desculpas, exibido em San Sebastián (Donostia) no páreo da Concha de Ouro

Até o momento, os concorrentes que mais brilharam foram "Funk", de Aly Muritiba; o desenho animado "O Filho da Puta" (sobretudo no trabalho de Matheus Nachtergaele, dando voz ao cão Bacalhau); o thriller queer "A Margem do Rio", em especial pela fotografia de Luciana Baseggio; e o desempenho de Nanda Costa em "Maria de Maria", além dos .docs "Fui Olhar Você Dormir", de Anna Azevedo, e "Uma Missa Para Dom Angélico", de Emília Silveira. Tópicos como alcoolismo, busca por figuras paternas ausentes e corrida por perdão foram recorrentes no evento, que eternizou, fora de concurso, um longa magistral: "Overman", de Tomás Portella, a comédia que melhor dialogou com as referências gráficas das HQs ao levar as tiras da Laerte à telona, com um Caco Ciocler tomado pelos espíritos da invenção (e do riso).

No domingo, um júri presidido pela produtora espanhola Esther García anuncia a premiação, em cerimônia no Odeon.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.

OLHAR BRASIL
PRÊMIO CORREIO DA MANHÃ
FESTIVAL DO RIO

O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS


RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA DO CORREIO DA MANHÃ


PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA E SECRETÁRIA DO CEDIM


CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA


AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ


GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SET POR SETE E APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO



Realização:
Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

Divulgação



Sheep In The Box

Divulgação



Amadeo

Um mapa para desbravar minas

Festival do Rio

Um roteiro de autoralidades para o fim de semana de despedida da maratona cinéfila carioca

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quem vem dar o ponto final na 28ª edição do Festival do Rio é o efervescente "Club Kid", de Jordan Firstman, com passaporte dos EUA e aprovação global. Imagine um promotor de festas queer, daquelas mais bombadas, com "almôndegas" humanas para todos os gostos, regadas a pó, descobrir que, de sua única transa com uma mulher, uma "rapidinha" num corredor de boate, nasceu um menino – e o guri é um fofo. A mãe suicidou-se. Caberá a ele, que leva uma rotina de excessos, cuidar do menino nesta trama que virou frisson no Festival de Cannes e repetiu a dose em San Sebastián. Jordan escreve, produz, dirige (numa estreia impecável) e atua bem pacas. Passa no Odeon, neste sábado, às 21h45, e tem repeteco no domingo, às 14h45, no Estação Gávea, e às 18h45, no Cinesystem Belas Artes 6. Tem outras coisas imperdíveis até o filmaço de Firstman. O Correio da Manhã dá as dicas:

Divulgação



Covarde

COVARDE (Coward), de Lukas Dhont (Bélgica): O diretor de "Close" (2022) amplia sua fama com este romance queer com base no amor entre dois soldados da I Guerra, que rendeu a láurea de Melhor Interpretação para Emmanuel Macchia e Valentin Campagne na Croisette. Eles vivem combatentes que, em meio a explosões nas trincheiras da Europa, engajam-se em encenações teatrais para elevar a alegria das tropas e acabam por se apaixonar. Onde e quando: sexta, 14h15, no Cinesystem Belas Artes 6.

JOSEPHINE: FRAGMENTOS DE UM CRIME (Josephine), de Beth de Araújo (EUA): Suspense do ano, este thriller venceu Sundance e disputou o Urso de Ouro. Nele, uma guria de oito anos, vivida pela impressionante Mason Reeves, sai para uma corrida matinal com o pai, Damien (Tatum), no Golden Gate Park, em São Francisco, quando testemunha uma violência sexual. O episódio destrói sua sensação de segurança. Obrigada posteriormente a lidar com as consequências do que viu, a menina passa a enxergar a figura do agressor por todos os lados e reage ao medo com violência. Gemma Chan interpreta a mãe, completando uma família que tenta proteger a criança. Quando e onde: sexta, às 19h15, no Odeon; no sábado, dia 10, às 21h15, no Reserva Cultural Niterói 1; e no domingo, dia 11, às 21h45, no Est. Claro Gávea 5.

QUEM MATOU NARCISO? ("Narciso"), de Marcelo Martinessi (Paraguai, Brasil): Vencedor do Bonito Cine Sur 2026 e ganhador do Prêmio da Crítica na Berlinale. Sua narrativa começa com uma geral da vida paraguaia em 1959, quando nuestro hermano vivia sob a ditadura de Alfredo Stroessner, o cantor Narciso transforma o rádio em espaço de liberdade ao levar o rock'n'roll de Buenos Aires ao país. Depois de conquistar admiradores e desafiar os costumes, ele é encontrado morto misteriosamente. Quando e onde: Sexta-feira, às 21h30, no Reserva Cultural Niterói 1, e no sábado, às 18h30, no Cinesystem Belas Artes Botafogo 6, com debate com entes de sua equipe após a sessão.

Divulgação



Trem Fluvial

Ella Knorz/ifProductions-Alamode Film



Yellow Letters

Divulgação



Josephine

Divulgação



Bajañí

SEREMOS FELIZES ("On sera heureux"), de Léa Pool (Canadá e Luxemburgo): Saad, refugiado marroquino vivendo no Canadá, vê sua vida virar uma corrida contra o tempo quando seu companheiro iraniano, Reza, enfrenta a ameaça de deportação para um país onde sua vida corre perigo. Para salvá-lo, Saad arrisca tudo diante de um sistema de imigração implacável.
Quando e onde: sexta-feira, às 18h15, no Cine Santa Teresa.

BAJAÑÍ, de Fernando Trueba (Espanha): Guiado pela guitarra flamenca de Niño Josele, o diretor de "Quero Dizer Que Te Amo" (1995) percorre a Península Ibérica, os Estados Unidos e o Brasil em uma viagem musical que aproxima flamenco, jazz e música brasileira. Caetano Veloso, Marisa Monte, Rubén Blades, Ron Carter e Kenny Barron estão entre os artistas que participam do percurso. Quando e onde: sábado, às 21h30, no Estação Claro Gávea 4.

SHEEP IN THE BOX, de Hirokazu Kore-eda (Japão): Em um futuro próximo, um casal devastado pela morte do filho aceita receber em casa um androide construído à imagem e semelhança da criança. Enquanto a mãe tenta reconstruir a rotina familiar, o pai resiste à máquina, que passa a desenvolver seus próprios movimentos de autonomia. A produção valeu ao realizador de "Ninguém Pode Saber" (2004) uma indicação à Palma de Ouro em Cannes. Quando e onde: sábado, às 21h30, no Cinesystem Belas Artes Botafogo 6.

Divulgação



Glaxo

CARTAS AMARELAS ("Gelbe Briefe" / "Yellow Letters"), de Ilker Çatak (Alemanha e Turquia): O ganhador do Urso de Ouro de 2026 está entre nós, e é arrebatador. Em Ancara, a atriz Derya e o dramaturgo e professor Aziz formam um respeitado casal de artistas. Um gesto de desobediência durante uma estreia teatral os coloca sob investigação do Estado e os obriga a deixar trabalho, casa e cidade, enquanto a pressão política ameaça também a família e o casamento. Quando e onde: sábado, às 19h, no Kinoplex São Luiz 2.

O TREM FLUVIAL ("El tren fluvial"), de Lorenzo Ferro e Lucas A. Vignale (Argentina): Temos aqui um passeio por um canteiro da América do Sul onde o mágico e o realismo convivem. Milo Barria, de nove anos, está a crescer sob a pressão de se tornar um grande dançarino de malambo, o sapateado gaúcho. Ele sonha em assumir o controle da sua vida e escapar das suas responsabilidades de lavar pratos, cozinhar e praticar sua dança à noite. Milo quer outra vida. Ele fantasia viajar pela malha ferroviária e explorar a cidade de Buenos Aires, que já viu tantas vezes em filmes e na televisão. No entanto, para se libertar da rotina do campo, ele deve ousar embarcar numa nova jornada... que será árdua. Quando e onde: sábado, no Estação Claro Gávea 3, às 1615.

ELEFANTES NA NÉVOA ("Tiniharu" / "Elephants in the Fog"), de Abinash Bikram Shah (Nepal, Alemanha, Brasil, França e Noruega): Em uma aldeia nepalesa cercada por uma floresta habitada por elefantes, Pirati lidera uma comunidade Kinnar formada por mulheres trans. Quando uma de suas "filhas" desaparece, ela inicia uma busca que coloca em choque seu desejo de liberdade, seus afetos e a violência social que marginaliza sua comunidade. Seus técnicos de som (brasileiros) foram laureados com um prêmio especial na Croisette. Quando e onde: sábado, às 19h30, no Cinesystem Belas Artes Botafogo 3.

DEPOIS DE ELENA ("After Elena"), de Shawn Garry (Chile, Colômbia e Itália): Após a morte da mulher que mantinha a família unida, Roberto, um viúvo de 70 anos, volta a viver com os três filhos adultos. O reencontro faz emergirem fracassos, segredos, culpas e afetos reprimidos, obrigando a família a reaprender a conviver. Quando e onde: domingo, às 21h30, no Cinesystem Belas Artes.

AMADEO E O HIPOTÉTICO MUNDO NOVO, de Brenda Lígia, Edu Felistoque e Everton Amorim (Brasil): Revelado mundialmente em concurso no Festival Internacional de Cinema de Xangai, esta delícia de animação apresenta uma fantasia histórica ambientada no Brasil de 1830. Seu enredo acompanha Amadeo, jovem de origem africana, sensível e genial, que inventa a câmera fotográfica antes dos europeus. Com sua criação, ele passa a auxiliar a libertação de pessoas escravizadas enquanto vive uma paixão impossível pela filha de um poderoso barão. Quando e onde: sexta-feira, às 18h45, e sábado, às 16h, ambos no Centro Cultural FGV.

INK, de Danny Boyle (Reino Unido): O longa de abertura do 83° Festival de Veneza não é pra todos os gostos, sobretudo pela atuação de Jack O'Connell, que divide gostos. A trama nos leva à Londres de 1969. Rupert Murdoch (um brilhante Guy Pearce) compra o decadente The Sun e entrega ao editor Larry Lamb (O'Connell) a missão de transformar o jornal no maior tabloide britânico. A disputa com o Daily Mirror conduz uma revolução na linguagem da imprensa, enquanto nasce um modelo de jornalismo que mudaria o setor para sempre. Quando e onde: domingo, às 21h, no Kinoplex São Luiz 2.

GLAXO, de Benjamín Naishtat (Argentina e Brasil): Sensação latina do último Festival de San Sebastián. Em uma pequena cidade argentina dominada pela fábrica da Glaxo, a amizade de um grupo de jovens se desintegra quando um policial aposentado (vivido pelo bestial Marcelo Subiotto) e sua sedutora mulher (Lali Espósito) chegam ao local. Paixão, violência e vingança atravessam décadas de transformações políticas e sociais, dos anos 1950 aos 1980, com direito a um resgate de "Exterminador do Futuro" (1984) em telas portenhas. A fotografia é assinada por Pedro Sotero. Quando e donde: domingo, às 16h, no Estação Claro Gávea 3.

Extrema direita vira nitroglicerina em ‘A Promotora’

Festival do Rio

Premiado pelo público na Berlinale, longa de Faraz Shariat atropela a festa do cinema carioca investigando como o silêncio institucional abre caminho para o fascismo

Divulgação



Rodrigo Fonseca



Chen Emilie Yan em ‘A Promotora’, que venceu a láurea de júri popular na Berlinale, em fevereiro

Chen, com o ator Sebastian Urzendowsky e o diretor Faraz Shariat em Copacabana

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Transformar a ascensão da extrema direita europeia em matéria de suspense, sem diluir a complexidade política num simples jogo de mocinhos e vilões, é o desafio enfrentado pelo teuto-iraniano Faraz Shariat em “A Promotora” (“Prosecution”).

Vencedor do Prêmio do Público da mostra Panorama da Berlinale de 2026, o longa de 114 minutos integra a mostra Expectativa do Festival do Rio trazendo como protagonista Seyo Kim, uma jovem promotora coreana e alemã (vivida por Chen Emilie Yan) que investiga a violência neonazista em solo germânico até ser ela própria atingida por um ataque racista.

A partir daí, a investigação deixa de ser apenas profissional: contrariando superiores, ela começa a descobrir uma rede extremista cuja dimensão expõe também as insuficiências do sistema judicial que deveria combatê-la. Tem sessão dessa pérola neste sábado, às 21h45, no Estação Claro Gávea 2. Este é “O” título mais obrigatório desta rota de adeus da maratona carioca. É uma reflexão sobre intolerância.

O que interessa a Shariat, porém, não é descobrir “quem fez”, como numa investigação policial convencional. É entender como se sente alguém cercado por uma violência que nem sempre pode ser vista. A encenação faz da paranoia, do isolamento e da sensação crescente de hostilidade os motores de um thriller psicológico. Sons banais — carros, motocicletas, motores, fogo e vozes ouvidas na rua — passam a ser filtrados pela percepção de Seyo, tornando potencialmente ameaçador aquilo que, fora de seu estado mental, poderia ser inofensivo.

“Desde o início sabíamos que era um thriller, não um filme policial. Não se trata de saber quem fez ou como aconteceu, mas de entender como aquilo é sentido. A violência estrutural e institucional é, por definição, invisível. Como o filme é muito silencioso, percebi que o som seria a maneira mais eficaz de criar hostilidade”, explica Shariat, ao Correio da Manhã, com o ator Sebastian Urzendowsky e Chen Emilie, em Copacabana.

O realizador constrói assim uma carga de tensão na qual o antagonista maior não cabe necessariamente dentro de um corpo. Está numa estrutura, numa burocracia e, sobretudo, na decisão de não agir. Durante a preparação do longa, a equipe mergulhou no funcionamento das instituições alemãs e encontrou um dado que se tornou essencial à dramaturgia.

“cerca de 80% dos casos com que tivemos contato na pesquisa eram arquivados. Escolher quais vítimas serão efetivamente ouvidas constitui também uma forma de silenciamento”, alerta Shariat. “Diante do avanço fascista, o silêncio pode adquirir peso político semelhante ao da ação. Seyo obriga aqueles que a cercam a tomar posição. Numa sociedade em processo de radicalização, a força de quem permanece calado pode ser decisiva, pois uma sala vazia será preenchida por aqueles que levantarem a voz. Ao mesmo tempo, o filme evita transformar todo trabalho silencioso em omissão, reconhecendo a importância da resistência cotidiana realizada dentro das próprias instituições”.

Essa contradição ganha forma especialmente nos personagens que ainda querem acreditar no sistema. Um deles vê sua confiança institucional ser retirada “tijolo por tijolo”, até que o edifício de certezas comece a desmoronar. O filme não lhe oferece uma conversão heroica: mesmo quando finalmente escolhe um lado, continua hesitante. Essa ausência de heroísmo fácil impede que “A Promotora” transforme uma crise sistêmica numa fantasia de salvação. Nascido e criado na Alemanha, filho de uma família iraniana, Shariat também usa Seyo para questionar quem tem o direito de ser reconhecido como alemão. Para ele, não é exatamente a identidade alemã que se tornou fluida, mas a narrativa nacional que continua excessivamente estreita e excludente diante de uma sociedade transformada por sucessivas gerações de migração.

“As questões centrais são globais. O fascismo hoje funciona de maneira extremamente globalizada. Ao mesmo tempo, acredito que a resposta para resistir está no regional e no local. Por isso mergulhamos especificamente na linguagem jurídica alemã e não tentamos tornar o filme universal desde o princípio”, diz o diretor, que identifica na exclusão de parcelas da sociedade e no uso do ódio como emoção política mecanismos recorrentes das novas extremas-direitas.

Há ecos possíveis do cinema político de Costa-Gavras e da secura de Michael Haneke em “A Promotora”, embora Shariat rejeite filiações muito rígidas. Admirador confesso de Haneke, ele diz ter encontrado referências menos numa genealogia cinematográfica do que nas visitas a tribunais e instituições alemãs e na impressão causada pela própria arquitetura desses espaços. Sua experiência como pessoa queer e de origem migrante também informa uma obra interessada em personagens atravessados simultaneamente por conflitos emocionais e antagonismos sistêmicos.

CRÍTICA LIVROS

POR **OLGA DE MELLO** - ESPECAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Recriações **criminosas**

Fotos/Divulgação





Yukito Ayasatsuji (E), um autor de suspense contemporâneo e Ethel Lina White, que teve seus contos filmados por Hitchcock

A curiosidade em levantar autores das histórias que Alfred Hitchcock filmou me levou a conhecer Ethel Lina White (1876-1944), uma galesa que deixou mais de 100 contos e novelas de suspense. Como outros escritores que ofereceram excelente material para Hitchcock – entre esses, a britânica Daphne Du Maurier, a americana Patricia Highsmith e a dupla francesa Boileau-Narcejac —, Ethel foi uma mestra na descrição de ambientes, na crítica social e tramas intrigantes a serem desvendadas por jovens protagonistas inteligentes e independentes.

A principal diferença da conterrânea Agatha Christie (ainda quem mais vendeu livros na história, depois de William Shakespeare e dos anônimos que escreveram a Bíblia) estava em sua preferência por criações mais próximas ao macabro.

Tão conhecida quanto outras autoras da época, como Agatha e Dorothy L. Sayers, a fama de Ethel se diluiu depois de sua morte, aos 68 anos. O pavor de confinamento e os cenários claustrofóbicos das histórias se refletiram na recomendação em testamento à irmã, a quem legaria todas as suas posses, desde que ela pagasse "a um cirurgião qualificado" para cravar uma faca em seu coração após a morte. A carreira literária foi curta, de apenas 17 anos. Entre seus maiores sucessos está "A dama oculta" (Vestígio, R$ 60), cuja adaptação cinematográfica é considerada o ápice da "fase inglesa" de Alfred Hitchcock.

A dama que some, no título original ("The Lady Vanishes"), é uma mulher rica que a jovem Iris conhece na pousada onde se hospedam na Suíça. Na viagem de volta à Inglaterra, de trem, a mulher desaparece misteriosamente, e Iris começa a questionar sua própria sanidade mental, já que ninguém se lembra da passageira. Nada que as contemporâneas, Paula Hawkins ou Ruth Ware não tenham explorado nos thrillers "A garota do trem e "A mulher da cabine 11".

Ethel não figura entre os autores reunidos no espetacular "101 contos clássicos de crime, mistério e suspense" (Nova Fronteira, R$ 132,90), organizados por Janaína Senna, que confessa, na introdução, sua dor em eliminar diversos textos merecedores de estar na seleção. Um volume traz escritores de língua inglesa, talvez os mais prolíficos no gênero que consagraram. O outro volume é de brasileiros e "estrangeiros" em geral, como Voltaire, Tchecov, Franz Kafka, além de Charles Perrault e seu gótico "O Barba-Azul", que matava as esposas "desobedientes", igual a tantos feminicidas da atualidade. Tomara que a editora se anime a publicar outra coletânea — de contos de suspense da Era de Ouro das histórias policiais dos anos 1920 a 1930.

A recriação é uma prática literária consagrada. Mesclando cuidadosamente o suspense e o terror, os japoneses vêm trazendo alento ao nicho, ainda que se inspirem claramente na ambientação e enredos consagrados pelos clássicos. Cega agora ao Brasil "Os assassinatos da Casa Decagonal" (Intrínseca, R$ 69,90), de Yukito Ayasatsuji, que leva seis jovens apaixonados por literatura de suspense para uma ilha onde houve um quádruplo homicídio. Ayasatsuji, em momento algum, esconde que o idealizador do convite tem o objetivo de matar "um de cada vez (...) exatamente como no livro daquela escritora britânica famosa — lentamente, um por um", referindo-se a "E não restou nenhum", antigamente conhecido como "O caso dos dez negrinhos", de Agatha Christie. A "Casa Decagonal" fez de Yukito Ayasatsuji um dos mais reverenciados criadores de mistério japonês, discutindo, através de seus personagens, a atualidade do gênero e suas inovações.







Pati Burlamaqui/Circo Voador



Tom Zé em uma de suas apresentações no Circo Voador, seu palco mais recorrente no Rio

Estudando **os 90**

Último dos tropicalistas, Tom Zé comemora os 90 anos no Circo Voador com repertório de todos as suas fases e lançamento de disco ao vivo gravado em 1996

AFFONSO NUNES

Ele é considerado o último dos tropicalistas. Não que Gil ou Caetano deixassem de ser, mas Tom Zé é quem mais se mantém como tal. E não é porque aferrou-se a uma tradição. Pelo contrário: é o mais ousado, inovador e inquieto dos integrantes deste movimento que revolucionou a MPB. A dois dias de completar 90 anos, o baiano de Irará sobe nesta sexta (9) o palco do Circo Voador com show de celebração de uma das nossas carreiras musicais mais instigantes.

"Continuo fazendo trabalhos e subindo ao palco. Um dia morro lá. A morte não vai ter muita escolha, tem que pegar a gente onde estamos mais", disse Tom Zé em entrevista recente à Veja SP. "Noventa anos é uma idade que a pessoa já gastou e desgastou, sabiamente e analfabeticamente. A gente trata a vida assim, jogando fora e também aproveitando para alguma coisa", filosofou.

> *"Noventa anos é uma idade que a pessoa já gastou e desgastou, sabiamente e analfabeticamente. A gente trata a vida assim, jogando fora e também aproveitando para alguma coisa"*
>
> **TOM ZÉ**

O Circo já anunciou que a apresentação, com lotação esgotada, terá data extra em 13 de novembro. Além de relembrar sua obra - dos clássicos que marcaram a Tropicália aos trabalhos mais recentes - o cantor e compositor lança nas plataformas e lojas "Relicário – Tom Zé – Ao vivo no Sesc 1996", pelo Selo Sesc.

O disco é um registro que ficou 30 anos na gaveta — 16 faixas captadas em uma unidade do Sesc em São Paulo, justamente no intervalo em que a carreira do baiano era redescoberta pelo mundo. Nele convivem momentos diversos da trajetória e duas versões de peso: "Taí (Pra Você Gostar de Mim)" e "Trem das Onze". O single "Ogodô, Ano 2000" deu pistas do que vem por aí. O lançamento chega em plena temporada de reconhecimento — a Caixa Cultural São Paulo inaugurou nesta semana a exposição "Tom Zé – 90 anos do Inquieto Jardineiro de Sons", mostra interativa que percorre da infância na Bahia ao Festival de Música Popular Brasileira de 1968, onde "São, São Paulo" fincou a bandeira de um compositor que nunca quis o óbvio. "Ah, eu fiquei criança. Eu fiquei criança de alegria, Deus seja louvado. E abençoado seja quem tomou todo esse tempo de trabalho, com cada detalhe e cada coisa funcionando", disse na inauguração da exposição.

Nascido Antônio José Santana Martins, em 11 de outubro de 1936, Tom Zé construiu uma carreira avessa a qualquer ideia de repertório acomodado. Estudou música na Universidade Federal da Bahia, migrou para São Paulo, entrou na Tropicália e talvez tenha sido o tropicalista que mais levou o experimentalismo a sério: enquanto o movimento celebrava a colagem, ele partia para a desmontagem — ruídos, instrumentos inventados, palavras que desmontam o refrão no meio da frase. Quando a indústria o arquivou nos anos 70 e 80, foi David Byrne, fascinado por "Estudando o Samba" (1976), quem reeditou a obra nos Estados Unidos e devolveu o nome às prateleiras do planeta. Fizeram dele, depois, o "último tropicalista", num documentário de 2019 do italiano Pietro Scaramuzzo — e ainda há material de 2026 por vir. Aos 90, sua obra continua em aberto.

No Circo Voador, a comemoração ganha um palco que combina com o homenageado. É lá que Tom Zé vem, anos a fio, transformando cada passagem em acontecimento. O show-festa reserva o que só uma cabeça engenhosa e incansavelmente curiosa pode reservar: desvios de última hora, talvez alguma coisa que ninguém pediu e, mesmo assim, todo mundo vai querer.

Fazendo uso do humor como ferramenta crítica, Tom Zé é comumente tratado como excêntrico, mas o que temos é um artista coerente com sua arte.

SERVIÇO

TOM ZÉ – 90 ANOS

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/ nº, Lapa)

9/10*, a partir das 20h (abertura dos portões com setlist do DJ Marcello MBgroove) | Ingressos esgotados

*Data extra confirmada para 13/11

‘Só uma pessoa podia me fortalecer’

Reprodução Instagram



O vermelho, do coração pulsante, dá o tom do novo show de Maria Rita com repertório 100% afetivo

Maria Rita leva ao Vivo Rio ‘Redescobrir Vol. 2’, show que ela define como a busca consciente pelo ‘colo da mãe’

AFFONSO NUNES

Maria Rita volta ao Vivo Rio neste sábado (10) com “Redescobrir Vol. 2”, novo capítulo de um dos projetos mais marcantes de sua trajetória. O espetáculo revisita canções fundamentais de sua formação musical — em grande parte, o repertório que consagrou a mãe, Elis Regina — a partir de um olhar renovado. Além de assinar a concepção artística e musical, a cantora divide com Batman Zavareze a concepção visual, que tem no vermelho, o coração, sua figura central.

O show nasceu de um momento difícil. Em 2024, um burnout já arrastado ficou insustentável depois do roubo do caminhão que levava todo o equipamento de seus shows, acumulado ao longo de mais de 20 anos. Foi preciso parar. “Um dia, estava olhando para o nada, sem rumo, sem entender o que tinha feito de errado e me veio a imagem de um palco branco e eu de vermelho, no centro. Foi um recado mesmo”, contou. “Já estava me sustentando com pouco e, com o assalto, eu quebrei”, disse em entrevistas.

O diagnóstico a afastou de cena por quase dois anos, com sintomas que iam do esvaziamento da entrega artística ao medo de falhar diante do público. “Medo de dar boa noite para o público, de não lembrar de letra, de travar na boca do palco”, descreveu. “Olhava aquele roteiro no chão e falava: ‘O que eu estou fazendo?’.” A saída foi procurar, como ela mesma define, um refúgio familiar e afetivo. “Levei um tempo até perceber que aquela imagem era um colo, um coração pulsante em cima do palco. Diante de tantos questionamentos, só uma pessoa poderia me fortalecer. Foi uma busca consciente pelo colo da minha mãe.”

Se o “Redescobrir” original, de 2012, era uma homenagem a Elis — show e disco ao vivo que renderam o Grammy Latino de Melhor Álbum de MPB —, este segundo volume inverte a ordem. “Este ‘Vol 2’ nasce com um imenso desafio pessoal, que gerou impactos inesperados também na minha profissão. Essas dores e questionamentos me levaram a buscar ativamente o acolhimento, o colo de minha mãe. Enquanto o primeiro ‘Redescobrir’ partiu de um lugar muito específico, de uma homenagem a ela, para os fãs (fossem meus ou delas ou de ambas), este, respeitosamente, é para mim”, afirma Maria Rita, em nota do espetáculo. “O repertório, naturalmente, não é o mesmo, mas apresento canções que podem e devem ser redescobertas, re-ouvidas, re-vividas. Se esse show servir para fortalecer a minha alma e minha arte, e renovar esse encontro com o público, mais uma missão estará cumprida.”

Reprodução Instagram



O vermelho, do coração pulsante, dá o tom do novo show de Maria Rita com repertório 100% afetivo

“É um show para mim, das questões do ofício de cantar num mercado em constante mutação”, explica a cantora sobre a virada de chave. “O vermelho é o coração pulsando, com imperfeições, desafios, oscilações, ansiedades, mas também com amor, família, todo o simbolismo de um coração criando, vivendo e sobrevivendo.” Em cena, o processo se materializa em versões como “Maria Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant: “Canto ‘Maria Maria’ chorando porque me sobe um nó. Me leva para um outro lugar agora”, comenta.

O repertório da turnê reúne releituras de “Corcovado”, “Como Nossos Pais”, “Jardins de Infância”, “Cais” e “O Bêbado e a Equilibrista”, entre outras — e carrega uma herança de que Maria Rita não abre mão. “É difícil deslocar na sonoridade porque há uma identidade forte. Ainda tem a mão do meu pai (César Camargo Mariano) nos arranjos”, diz. No palco, ela divide a cena com uma novidade de sangue: Antonio Baldini, seu filho, no violão e na percussão. “Agora estou tocando com meu filho, aquela barriga virou um músico!”, diverte-se.

A turnê segue pelo Brasil até dezembro. Maria Rita construiu uma das trajetórias mais consistentes da MPB e uma relação singular com os repertórios que abraça.

SERVIÇO

MARIA RITA - REDESCOBRIR VOL. 2

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

10/11, às 21h

Ingressos a partir de R$ 350 e R$ 175 (meia)

O groove romântico que conquistou o Brasil

Antes de seguir para palcos europeus em novembro, Os Garotin voltam ao Rio com show da turnê do álbum 'Força da Juventude'

AFFONSO NUNES

Em sua primeira apresentação na cidade desde sua elogiada participação no Rock in Rio, Os Garotin voltam ao Circo Voador com o show do álbum "Força da Juventude" neste sábado e domingo (12) com as participações especiais de BK' na primeira noite e Ryan Fidelis na segunda. Para o sábado, os ingressos já esgotaram.

O disco que dá nome à turnê saiu em 15 de maio, produzido por Julio Raposo, e reúne 13 canções que transitam entre o pop, a MPB, o soul, o samba e o funk. Em "Força da Juventude", Léo Guima, Anchietx e Cupertino ampliaram a identidade sonora do trio sem abrir mão do groove romântico que os tornou referência da nova música brasileira — e que rendeu, em 2024, o Grammy Latino de Melhor Álbum de Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa por "Os Garotin de São Gonçalo".

Matheus Aguiar/Divulgação



Em 'Força da Juventude', Léo Guima, Anchietx e Cupertino ampliaram a identidade sonora do trio

O novo trabalho reúne participações de Marina Sena, Liniker, BK', Lenine, Arthur Verocai e Hamilton de Holanda, entre outros, emprestam voz e violão às faixas. No palco, além do repertório do álbum novo, a banda brinda o público com sucessos do álbum de estreia e outras músicas da trajetória. A temporada carioca integra a maior turnê da carreira do trio, que passa por quatro capitais entre outubro e novembro — São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Rio — antes de cruzar o Atlântico rumo a Paris, Berlim, Londres, Lisboa e Madri.

No sábado, a noite ganha reforço de peso: BK' sobe ao palco para uma participação classuda, e DJ Michel comanda a pista. Já no domingo, os trabalhos começam malemolentes com Ryan Fidelis. Aos 21 anos, o artista de Florianópolis, apelidado de Príncipe do R&B e eleito Produtor do Ano no Prêmio R&B Brasil 2025, apresenta "Tons de Marrom", seu segundo álbum de estúdio. Trata-se de um disco conceitual em que o cantor narra a história de um amor negro, expandindo sua sonoridade entre o R&B, o pop e elementos da música brasileira — projeto produzido por ele ao lado de Julio Mossil e lançado em parceria com o selo Cuervo Musica. Nos intervalos entre os shows, a pista fica por conta da DJ Tamy.

SERVIÇO

OS GAROTIN - FORÇA DA JUVENTUDE

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/ nº, Lapa) | 10* e 11/10, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R$ 200, R$ 100 (meia) e R$ 80 (clientes Elo)
*Noite esgotada

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Jorge Vercillo celebra 30 anos de trajetória

Nayara Andrade/Divulgação



Jorge Vercillo apresenta neste sábado (10), às 21h30, no Qualistage, o show "JV30 Parte II – Mais um final feliz", nova etapa da turnê comemorativa dos 30 anos de carreira. O repertório vai de "Que Nem Maré" a "Final Feliz", passando por "Fênix", "Monalisa" e "Sensível Demais", transitando entre bossa nova, samba, ijexá, R&B e jazz. Vercillo lançou 16 álbuns e soma mais de 1 bilhão de streams nas plataformas. Ingressos a partir de R$ 80.

Uma orquestra com a pitada tropicalista

Divulgação



A Nova Orquestra estreia no Brasil o show "Nova Orquestra toca Tropicália" nesta sexta (9), às 21h, no Manouche. O quinteto formado por Bruce Wayne e Glaucia Maciel (violinos), Juan Barreto (viola), Lúrian Moura (violoncelo) e Jonas Cáffaro (percussão) apresenta versões orquestradas de clássicos como "Domingo no Parque", "Força Estranha" e "Alegria, Alegria", criadas especialmente para o projeto. R$ 160 e R$ 80 (meia).

Felipe Reis canta Paulo César Feital

Divulgação



O cantor e ator Felipe Reis apresenta o espetáculo "Alma em Canção", inteiramente dedicado à obra do compositor e poeta Paulo César Feital, nesta sexta (9), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. No repertório, canções gravadas por grandes nomes da MPB, como "Farol das estrelas" e "Flamboyant". O show tem participações de Altay Veloso e Dhu Moraes. Entre R$ 50 e R$ 170.

Canções de amor e de recomeços

Divulgação



A cantora Késia apresenta nesta sexta (9), às 20h30, no Dolores Club, um espetáculo intimista com repertório do álbum "Relíquia", que fala sobre amor e recomeços, além de releituras de clássicos da música brasileira. Ela se apresenta com quarteto formado por teclados, bateria, baixo e guitarra. R$ 60, R$ 30 (meia) e R$ 40 (promocional, apenas online até a abertura da casa).

Lucas Nogueira/Divulgação



A reestreia carioca do espetáculo se dá após temporada em São Paulo e passagem por Buenos Aires

Memória apagada **pelo chumbo**

Em solo autoral com cinco indicações ao Prêmio Shell, Matheus Macena revisita a morte de Edson Luís para imaginar a vida que a história não registrou

A morte de Edson Luís de Lima Souto, estudante secundarista assassinado pela Polícia Militar no restaurante Calabouço, no Centro do Rio, em março de 1968, tornou-se marco de uma sequência de mobilizações contra a ditadura. A imagem do jovem carregado por outros estudantes atravessou o país e ajudou a deflagrar a Passeata dos Cem Mil.

Mas o que veio antes daquele instante — a família migrante, a pobreza, o analfabetismo, os trabalhos que realizou e as possibilidades de futuro interrompidas — ocupa menos espaço na memória pública. É nesse vazio que Matheus Macena instala "Edson", solo que chega ao Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa nesta sexta-feira (9).

Escrito, dirigido e interpretado pelo artista, o espetáculo não pretende reconstituir os fatos, mas construir ficções possíveis em torno da família Lima Souto. A dramaturgia alterna o dado histórico e a fabulação, aproximando Pai, Mãe, Irmã e Edson de uma experiência mais ampla: a de famílias de trabalhadores de base que, no Brasil, atravessam deslocamento, exclusão e o apagamento de suas próprias narrativas. "Edson" é o primeiro monólogo de Macena e também seu primeiro trabalho em que concentra dramaturgia, direção e atuação.

> *"É inadmissível que a história do jovem assassinado pela ditadura militar e que se tornou o pivô da histórica Passeata dos Cem Mil permaneça sem ser contada"*
>
> **MATHEUS MACENA**

Macena procurou o que a versão mais conhecida da história deixa de fora. "É inadmissível que a história do jovem assassinado pela ditadura militar e que se tornou o pivô da histórica Passeata dos Cem Mil permaneça sem ser contada", critica.

Para ele, a invisibilidade de Edson Luís também é atravessada por classe, origem e escolaridade: o estudante, vindo de uma família de trabalhadores do Pará, morou no Calabouço e participava de um protesto por melhores condições de alimentação quando foi morto.

A pesquisa começou após o assassinato de Marielle Franco, em 2018. Ao notar que os dois crimes ocorreram em março, separados por 50 anos, o autor encontrou um espelho temporal para investigar permanências do país. "A necessidade de contar a perspectiva e história do Edson se torna urgente, porque é recontando o passado que formulamos um futuro", diz.

A aproximação não equipara trajetórias, mas traz um questionamento sobre quais vidas mobilizam arquivo, comoção e elaboração pública — e quais continuam reduzidas a uma fotografia, um nome ou uma efeméride.

O processo incluiu meses de consulta a periódicos na Biblioteca Nacional, notas de rodapé e reportagens publicadas sob censura. Diante das lacunas, Macena escolheu não simular uma biografia definitiva. "Conforme o processo artístico caminhava, notei que a justiça dos fatos não era suficiente. Era necessário fabular. Afinal, para um espetáculo teatral é através da poesia que se descobre dignidade", explica.

A encenação também evita o peso do depoimento. A direção musical e a guitarra de Pedro Nego atravessam a cena; dança, performance e humor abrem respiros no relato de violência. Essa dimensão híbrida acompanha a trajetória de Macena, que passou por trabalhos da Aquela Cia., como "Caranguejo Overdrive" e "Encantado", antes de vencer o Prêmio Shell de Melhor Ator em 2024 por "Musical Pré-Fabricado".

A reestreia carioca vem depois de temporadas no Rio, em São Paulo e de uma passagem por Buenos Aires, e é acompanhada por cinco indicações ao 37º Prêmio Shell de Teatro: duas para Macena como ator, pelas temporadas carioca e paulista, e outras para dramaturgia, música e cenografia.

SERVIÇO

EDSON

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Morais, 824)

De 9/10 a 1/11, sextas e sábados 20h) e domingos (19h)

Ingressos: R$ 70 e R$ 35 (meia).

CRÍTICA TEATRO | CAFÉ, ALMOÇO, JANTAR

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Tempo de afeto

Vantoen Pereira/Divulgação



Três fases do país são vivenciadas na pensão de Dona Filó através da dramatização de três refeições

O cotidiano de uma família humilde é atravessado pelos imprevistos de um Brasil inconstante. Ivan Fernandes se abrilhanta em "Café, Almoço, Jantar", na medida em que expõe uma carpintaria eloquente, entremeando dores a fragmentos do macrocosmo econômico-político-social, que funciona como pano de fundo para sustentar uma excelente narrativa. O autor, poética e ostensivamente, ornamenta o tempo como seu aliado, para reverberar inquietações entre laços afetivos.

Três fases do país são vivenciadas na pensão de Dona Filó através da dramatização de três refeições. Uma mãe solteira carrega a família, gerando um filho ardiloso, um neto rebelde, que teve na avó o comprometimento de sua educação, e um amigo que auxilia nos afazeres do estabelecimento, criando vínculos amorosos naquela parentela. Permeando suas personagens repletas de afeto, o dramaturgo rememora o ano de 1987, num momento pós-ditadura militar, citando o falecimento de Tancredo Neves e a posse do então Presidente José Sarney, passeia por 1994 ao relembrar o Plano Real implantado por Fernando Henrique Cardoso, até pousar em 2018 com a extrema direita no poder, revelando aflições, sem ser partidário.

A direção do autor e de Maíra Kestenberg se alimenta da condução de seus intérpretes, fomentando um jogo da melhor qualidade entre eles, sem permitir que se corrompam em estereótipos, orientando as construções e contradições das nuances psicológicas. Instaura ritmo e enriquece as passagens de tempo com gravações que delimitam épocas.

Fátima Patrício edifica sua matriarca com uma simplicidade sublime, em perfeita sintonia dramatúrgica. A atriz dosa com exatidão sua emoção ao explorar a contracena. O Américo de Renato Albuquerque é divertido e emocionante, haja vista que o artista articula flutuações interpretativas, além de uma boa corporeidade, pela qual somos abarcados diante da personagem, vítima de uma pandemia que nos faz recordar tempos fúnebres. Aldo Perrotta, com ótima voz e dicção impecável, trafega com sabedoria, utilizando humor em mensagens subliminares, reforçando a malandragem de seu Paolo. Gabriel Breves comprova inteligência cênica, definindo com extrema clareza as atitudes comportamentais dos períodos distintos que Hermes atravessa. O ator se emociona, sobretudo na última cena, em que variações filigranadas realçam seu talento. O elenco imprime química esplêndida.

A cenografia de Rostand Albuquerque é econômica, dialogando com o realismo proposto. Ticiana Passos é objetiva em enroupar as personagens, com destaque para o figurino preto do roqueiro Hermes. A luz de Luis Carlos Nem é funcional e a trilha sonora de Ivan Fernandes evoca Cazuza no ponto certo.

Vale ressaltar a citação do Titã Cronos na cena final, instigando uma confusão fonética com Khronos - que na mitologia grega, está associado ao tempo, é inexpugnável e rege os destinos. O escritor aposta no intelecto para enaltecer o afeto!

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Eder Gaioski/Divulgação



Casmurro repaginado

O Grupo Caparaó leva ao Teatro Dulcina sua releitura de "Dom Casmurro", de Machado de Assis. Em cartaz até 18/10, "Capitu e Bentinho" desloca a dúvida em torno da protagonista para questões contemporâneas como misoginia, violência de gênero, memória e controle. Bruna Frari e Danyel Sueth — também diretor e dramaturgo — interpretam os personagens, acompanhados por Renan Silveira, Marcos Tadeu e Ronnie Silveira, que executam a trilha. Sessões de quinta a sábado (19h) e aos domingos (18h). R$ 50 e R$ 25 (meia).

Daniel Lewinsohn/Divulgação



Encontros e reencontros

A comédia romântica musicada "União Instável" está em cartaz no Teatro Del'Arte, no Barra Point Shopping. Com texto, direção e músicas de Rô Sant'Anna, o espetáculo tem Rose Moraes e Raul Franco no elenco. Com diálogos afiados, situações divertidas e momentos de profunda sensibilidade, a peça mostra que o amor, mesmo instável, pode ser a força que sustenta encontros e reencontros. Sessões às sextas-feiras (20h) até o dia 23. R$ 60 e R$ 30 (meia).

Beti Niemeyer/Divulgação



Comédia de costumes

Uma mesa de bar, três amigos de longa data, um casamento prestes a completar quatro décadas e a chegada de um personal trainer são os elementos que desorganizam as certezas de "Víboras – A Arte do Insulto", nova comédia de Flávio Marinho. Com Alice Borges, Aloísio de Abreu, Marcos Breda e Guilherme Dellorto, a peça ambienta o encontro no bar português "Desgarrada" e cruza afetos, desejo, aparências e fado. A montagem está no Teatro Vannucci, no Shopping da Gávea, até 1/11, com sessões às sextas e sábados (19h) e domingos (17h30).

SEXTOU! SAMPA

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

João Bosco

✱João Bosco celebra 80 anos no Teatro Bradesco, em São Paulo, nesta sexta-feira (9), às 21h, com participação de Vanessa Moreno. O show reúne sucessos de mais de cinco décadas de carreira, incluindo parcerias com Aldir Blanc, como O Bêbado e a Equilibrista, O Mestre-Sala dos Mares e De Frente pro Crime. No palco, o cantor e compositor será acompanhado por Ricardo Silveira, Guto Wirtti, Kiko Freitas e Marçal. A apresentação integra a turnê João Bosco 80 Anos / Amigos Novos e Antigos, ligada ao álbum que revisita sua obra com convidados de diferentes gerações. Com duração de 80 minutos, o espetáculo terá abertura da casa às 20h. O teatro fica no Bourbon Shopping, na Rua Palestra Itália, 500, 3° piso, em Perdizes. Os ingressos custam de R$ 50 a R$ 130 e estão à venda na plataforma online Uhuu.

Jota Quest em Segue o Baile

✱São Paulo recebe o show Segue o Baile, do Jota Quest, em 19 de dezembro, às 21h, no Suhai Music Hall, em Jurubatuba. A apresentação reúne canções de Tim Maia e sucessos da banda mineira, com destaque para o álbum de estreia J.Quest, que completa 30 anos. O repertório inclui músicas do tributo Jota Quest & Tim Maia – Dance Enquanto é Tempo e faixas de soul music nacional e internacional. Convidados e DJs ligados aos bailes black integram a programação. A venda de ingressos começa em 9 de outubro, às 10h, pelo site da Ticketmaster. Os preços partem de R$ 100, meia-entrada. No Shopping Ibirapuera, a bilheteria abre às 11h no primeiro dia de vendas, sem taxa de serviço. Suhai Music Hall fica na Avenida das Nações Unidas, 22.540. Os portões abrem às 19h. A classificação indicativa é de 16 anos.

Eduardo Costa e Willy Vaqueiro no CTN

✱Eduardo Costa e Willy Vaqueiro se apresentam no Centro de Tradições Nordestinas (CTN), em São Paulo, no domingo, 11 de outubro, véspera de feriado. Batizada de Modão & Paixão, a programação reúne música sertaneja e canções românticas. Eduardo Costa leva ao palco um repertório voltado ao modão, enquanto Willy Vaqueiro apresenta músicas ligadas ao universo vaqueiro e às raízes sertanejas. Os portões abrem às 21h00. O espaço fica na Rua Jacofer, 615, no Bairro do Limão. A classificação é de 18 anos, e a entrada exige documento original com foto. Os ingressos estão disponíveis no site e no aplicativo da Ticket360, com pagamento por cartão de crédito ou Pix. O evento oferece setores de pista, pista premium e frontstage. Há também estacionamento no local, com vagas limitadas para carros e motos.

Brasil Jazz Sinfônica

✱A Brasil Jazz Sinfônica apresenta Cordas no Rock neste sábado, 10 de outubro, às 20h, no Blue Note São Paulo. Com regência e arranjos de Luís Gustavo Petri, o concerto reúne músicas de Pink Floyd, Led Zeppelin, Guns N' Roses, Metallica, Deep Purple e Europe em versões interpretadas exclusivamente por instrumentos de cordas. O repertório inclui The Final Countdown, Sweet Child o' Mine, Stairway to Heaven e Another Brick in the Wall. A casa abre às 19h e fica na Avenida Paulista, 2.073, no segundo andar do Conjunto Nacional. Os ingressos estão à venda pela Eventim e na bilheteria oficial, sem taxa de serviço na compra presencial. O atendimento no térreo ocorre de segunda a sábado, das 10h às 18h. A classificação é de 18 anos; menores podem entrar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

TEATRO

Gregório Duvivier

✱Gregório Duvivier apresenta O Céu da Língua de 7 a 11 de outubro no Espaço Unimed, na Barra Funda, em São Paulo. Com direção de Luciana Paes, o monólogo combina humor e poesia para explorar a língua portuguesa e sua presença no cotidiano. O ator aborda metáforas, mudanças no vocabulário e expressões usadas nas relações. A montagem tem acompanhamento musical de Pedro Aune, no contrabaixo, e projeções manipuladas por Theodora Duvivier. As sessões do espertáculo ocorrem de quarta a sexta, às 21h00; no sábado, às 16h30 e às 21h; e no domingo, às 16h30. O endereço do espaço está na Rua Tagipuru, 795. A classificação é de 18 anos. Os ingressos estão à venda pelo site e aplicativo da Ticket360 e na bilheteria da casa, que funciona de segunda a sábado, das 10h às 17h. As compras podem ser pagas com cartão de crédito ou Pix.

Hércules – O Grande Herói

✱Hércules – O Grande Herói está em cartaz no Teatro Shopping West Plaza, em São Paulo, com sessões aos sábados, às 17h00, até 31 de outubro. A comédia musical acompanha o personagem da mitologia grega que, após ser levado à Terra e se tornar mortal, tenta recuperar seu lugar no Monte Olimpo. Para isso, enfrenta Hades com a ajuda do treinador Phil e de Mégara, enquanto as Musas acompanham sua trajetória. Com texto e direção de Caio Di Sevo, a montagem reúne aventura, romance e humor. O elenco inclui Beá Pacheco, Juan Ortega e Giovanna Vieirah, entre outros. A peça dura 70 minutos. Crianças menores de 2 anos não pagam. Os ingressos custam R$ 80 na bilheteria, no Shopping West Plaza, na Água Branca.

Fernando Young/Perfexx assessoria



J.Quest completa 30 anos e apresenta Tim Maia

Divulgação/Lupa Comunicação



João Bosco de apresenta no dia 9 com sucessos de carreira



Joana Calejo Pires

Comediante Gregório Duvivier no espetáculo O Céu da Língua

SEXTOU! CAMPINAS

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

MOZART

✱A Orquestra Sinfônica Municipal de Americana e a Orquestra Filarmônica de Rio Claro apresentam, nesta sexta-feira (9), às 20h, um concerto dedicado a Mozart no Teatro Municipal Lulu Benencase. O programa reúne obras como o Concerto para Piano e Orquestra nº 24, a abertura de Don Giovanni e a Sinfonia nº 40. A entrada é solidária, mediante a doação de um litro de leite, com ingressos disponíveis no Ingresso Digital.

DUDA BEAT

✱Duda Beat apresenta o show eletrônico "Club Tara" neste sábado (10), a partir das 22h, no Brasuca Espaço Cultural, em Barão Geraldo. O espetáculo mistura pop e música eletrônica, com formato que une a energia de um DJ set à estrutura de um show. Ingressos a partir de R$ 80.

CINEMA IN CONCERT

✱A Orquestra Filarmônica de Santa Bárbara d'Oeste apresenta, nesta sexta-feira (9), às 20h, o espetáculo Cinema in Concert, no Teatro Municipal Manoel Lyra. O repertório reúne trilhas de grandes produções do cinema internacional, como Jurassic Park e Piratas do Caribe. A entrada é solidária, com a doação de um litro de leite, e a classificação é livre.

Divulgação



"Djavan – Vidas pra Contar" em duas sessões nesta sexta (9)

Divulgação



"The Moscow Ballet – Cinderella" no sábado (10) e domingo (11)

Divulgação



Duda Beat apresenta "Club Tara" nesta sexta (9)

TEATRO

DJAVAN: O MUSICAL

✱O espetáculo "Djavan – Vidas Pra Contar: O Musical" será apresentado nesta sexta-feira (9), no Teatro Castro Mendes, em Campinas. São duas sessões, às 15h e às 20h, com participação do ator Raphael Elias no papel de Djavan. A montagem combina música, teatro e dança para contar a trajetória pessoal e artística do cantor.

DA SEDUÇÃO AO CONFLITO

✱O recital "Da Sedução ao Conflito" será apresentado nesta sexta-feira (9), às 20h, no Auditório Marino Ziggiatti, no Centro de Campinas. O espetáculo reúne trechos de óperas de compositores como Mozart e Bizet, interpretados por soprano, mezzo-soprano e barítono, com acompanhamento ao piano. A entrada é gratuita e a classificação é livre.

AFONSO PADILHA

✱O humorista Afonso Padilha apresenta "Como Nossos Pais" nesta sexta-feira (9), às 21h, no Teatro Oficina do Estudante. O espetáculo aborda, com humor, as inseguranças e os dilemas da vida adulta. Os ingressos custam de R$ 65 a R$ 150 e a classificação é de 14 anos.

QUEEN & COLDPLAY

✱O Starlight Concert apresenta "Queen & Coldplay" neste sábado (10), às 21h, no Teatro Oficina do Estudante. O espetáculo revisita sucessos das duas bandas em uma experiência com palco iluminado por centenas de velas. Os ingressos custam de R$ 35 a R$ 160 e a classificação é livre.

BALLET CINDERELLA

✱O espetáculo "The Moscow Ballet – Cinderella", com participação da bailarina Oksana Bondareva, será apresentado neste fim de semana no Teatro Municipal José de Castro Mendes, em Campinas. As sessões acontecem no sábado (10), às 16h e às 20h, e no domingo (11), às 15h e às 19h. Os ingressos custam a partir de R$ 170, com opção solidária por R$ 190 mediante doação de 1 kg de alimento.

ELA TEM O TINO

✱A humorista Angélica Mello apresenta "Ela tem o Tino" neste domingo (11), às 19h, no Teatro Oficina do Estudante. O show reúne histórias do cotidiano, busca por um homem de sucesso, situações inusitadas e interação com a plateia. Os ingressos custam de R$ 60 a R$ 120 e a classificação é de 14 anos. A apresentação promete boas risadas.

GREASE

✱O musical "Grease" será apresentado nesta segunda-feira (12), feriado, às 20h, no Teatro Oficina do Estudante. A montagem reúne os principais sucessos da história de Danny, Sandy e da turma da Rydell High, com músicas cantadas ao vivo. Os ingressos custam de R$ 85 a R$ 170 e a classificação é livre.

A PEQUENA SEREIA

✱As comemorações do Dia das Crianças têm programação especial no Teatro Oficina do Estudante neste sábado (10) e na segunda-feira (12). "A Pequena Sereia" será apresentada no sábado, às 15h, e "Clássicos Encantados" na segunda, também às 15h. Os ingressos custam de R$ 65 a R$ 130 e a classificação é livre. As atrações são voltadas para toda a família.

LAZER

GEEK FESTIVAL

✱O Geek Festival Asiático acontece entre sexta-feira (9) e segunda-feira (12), na Praça Arautos da Paz, em Campinas. A programação reúne cosplay, K-pop, games, gastronomia asiática, lojas temáticas e atividades para crianças. O evento tem entrada gratuita e acontece durante o feriado prolongado.

DIA DAS CRIANÇAS

✱A Feira de Barão promove, neste sábado (10) e domingo (11), programação gratuita para toda a família, na Praça do Coco, em Barão Geraldo. A partir das 11h, haverá brincadeiras tradicionais e, à tarde, música ao vivo. No sábado, Flávia apresenta pop rock; no domingo, Leandro Ligocki leva música barroca ao público.

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI

Sesc/Divulgação



Sesc em outubro: arte, cultura e diversão para toda a família

Sesc Campinas celebra a infância

O Sesc Campinas terá programação especial para crianças nos dias 10, 11 e 12 de outubro, com atividades gratuitas de música, literatura, recreação e esportes. Sábado (10), o grupo Pé de Baraúna apresenta a vivência "Brincadeiras Circulantes", com pião, cirandas e quadrilhas. À tarde, "Cantigas de Rodas" reúne canções do folclore brasileiro. Domingo (11), a rua em frente ao Sesc será fechada para ampliar a área de lazer. A programação inclui Clube de Rodinhas, Skate na Rua e Aprendendo a Pedalar. O dia termina com o Bloco das Caixeirosas, tradicional bloco de Campinas, acompanhado de bonecões gigantes. Na segunda-feira (12), o Festival de Brincadeiras de Rua, com o Brinquerê, reúne jogos como taco, aviãozinho de papel e bolinha de gude. O grupo Parlendô encerra o dia com o show "Eu e Você e Todo Mundo".

Teatro Oficina: Dia das Crianças

O Teatro Oficina do Estudante, no Shopping Iguatemi Campinas, tem programação especial para o feriado e o Dia das Crianças. Entre os destaques estão os infantis "A Pequena Sereia", no sábado (10), às 15h; "Um Baú de Barulhinhos – Na Fazenda 2" e "O Sítio do Pica-Pau Amarelo", no domingo (11), às 11h e 15h; e "Clássicos Encantados", na segunda (12), às 15h. A agenda também inclui os musicais "Queen & Coldplay" e "Grease". Os ingressos estão à venda na bilheteria e pelo site Ingresso Digital.

Feira de Barão

A Feira de Barão terá programação especial para o Dia das Crianças neste sábado e domingo (10 e 11), na Praça do Coco, em Barão Geraldo. Haverá brincadeiras tradicionais, distribuição de bexigas e música, com Flávia no sábado e Leandro Ligocki no domingo. Entrada gratuita.

Duda e a Última Árvore

"Duda e a Última Árvore", da Cia. Histriônica de Teatro, terá apresentações gratuitas em Campinas. A peça aborda a relação entre criança, cidade e ecologia, combinando atuação, teatro de papel e projeções. As sessões serão nos dias 17 e 18, às 18h, no Teatro Barracão, em Barão Geraldo.

Residência teatral: formação gratuita e bolsa

Paula Arielly/Divulgação



Estão abertas até 14/10 as inscrições para duas vagas na residência artística gratuita 'Risos da Periferia', no Ponto de Cultura Ibaô. A partir de 17 anos, o projeto oferece formação de nove meses em circo e teatro de rua, com bolsa mensal de R$ 464. Encontros começam em novembro (às quartas e quintas) das 15h às 18h, até julho de 2027. Inscrições gratuitas: escancaracoletiva.com.

Divulgação



Emicida Racional MCMV Tour: em Campinas, no Multi Arena, em 31 de outubro

Emicida revisita Racionais MC's em show **em Campinas**

Apresentação é dia 31 de outubro, no Multi Arena; rapper se inspira no grupo para repertório inédito

DA REDAÇÃO

O rapper, compositor e produtor Emicida se apresenta em Campinas no dia 31 de outubro, no Multi Arena, em Sousas. O show integra a MCMV Tour, espetáculo que combina música, teatro e cinema e tem como referência o projeto autoral "Emicida Racional VL 2 – Mesmas Cores & Mesmos Valores".

A apresentação reúne um repertório inédito inspirado na obra dos Racionais MC's, grupo que é uma das principais referências do rap brasileiro. Entre as músicas que fazem parte do projeto estão "Finado Neguim Memo?", "Us Memo Preto Zica" e "Quanto vale o show memo?". Os ingressos estão à venda pelos canais oficiais do Multi Arena.

Nascido em São Paulo, Leandro Roque de Oliveira, conhecido artisticamente como Emicida, começou a ganhar projeção nas batalhas de rima da capital paulista. O nome artístico surgiu nesse período, a partir da ideia de que o rapper "matava" os adversários nas disputas de improvisação. Posteriormente, o artista também transformou o nome em um acrônimo para "Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte".

As primeiras composições gravadas de Emicida são do período em que passou a participar das batalhas de MCs. O single "Triunfo", lançado em 2008, ajudou a ampliar sua visibilidade. Em 2009, o rapper lançou sua primeira mixtape, "Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida, Até que Eu Cheguei Longe...", por meio do Laboratório Fantasma, empresa e selo criado por ele e pelo irmão, Evandro Fióti.

A partir daí, Emicida ampliou sua atuação para outras áreas da cultura, com projetos ligados à televisão, literatura e audiovisual. Em 2015, lançou o álbum "Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...", que recebeu indicação ao Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Música Urbana.

A carreira internacional ganhou um marco em 2011, quando Emicida se tornou o primeiro rapper brasileiro a se apresentar no Coachella, um dos principais festivais de música dos Estados Unidos. Ao longo da carreira, também colaborou com artistas de diferentes vertentes da música brasileira e consolidou uma produção marcada pela combinação do hip hop com elementos da música popular brasileira.

Em 2019, Emicida lançou "AmarElo", projeto que se tornou um dos trabalhos mais abrangentes de sua carreira. Além do álbum, a produção deu origem a um documentário, um podcast e um espetáculo. O projeto também levou o artista ao Grammy Latino, com o prêmio recebido em 2020. O documentário "AmarElo – É Tudo Pra Ontem", lançado pela Netflix, aborda questões relacionadas à história e à cultura negra no Brasil.

A produção do artista também chegou à literatura, com livros voltados ao público infantil, entre eles "Amoras", publicado em 2018. Emicida ainda desenvolveu projetos audiovisuais e participou de atividades acadêmicas e culturais no Brasil e no exterior.

Além do show de Emicida, a programação do Multi Arena prevê outras cinco apresentações até o fim do ano. A agenda inclui a banda norte-americana Hoobastank, em 6 de novembro; Luedji Luna, em 7 de novembro; Marina Sena, em 14 de novembro; Ebony e 2ZDinizz, em 4 de dezembro; e Nando Reis, em 11 de dezembro. O espaço fica na Avenida Dr. Antônio Carlos Couto de Barros, na Vila Sônia, em Sousas.

Os ingressos para o show estão à venda pelo site oficial do Multi Arena. A apresentação será na Avenida Dr. Antônio Carlos Couto de Barros, 2.156, na Vila Sônia, em Sousas. A abertura do espaço está prevista para as 22h, com o show programado para a meia-noite.

As maravilhas de Luiz Melodia

Malu Galli estreia como cantora em espetáculo que revisita álbum lançado há 50 anos e aproxima a obra do compositor da música contemporânea

Por Rafael Lima

Divulgação



Malu Galli canta em revisita a álbum de Luiz Melodia

Cinquenta anos depois de seu lançamento, "Maravilhas Contemporâneas", segundo álbum de Luiz Melodia, ganha uma nova leitura nos palcos. O projeto que leva o mesmo nome reúne a atriz Malu Galli, em sua estreia como cantora, o músico e compositor Rômulo Fróes e o pesquisador e escritor Fred Coelho. A apresentação em São Paulo acontece no dia 13 de outubro, na Casa de Francisca.

Lançado em 1976, quatro anos depois de "Pérola Negra", o disco consolidou Luiz Melodia como um dos nomes mais originais da música popular brasileira. Agora, suas onze faixas servem de ponto de partida para um espetáculo que procura estabelecer uma conversa entre a produção musical dos anos 1970 e a criação contemporânea.

A proposta vai além de uma homenagem convencional. Com direção artística e musical de Rômulo Fróes, direção cênica de Malu Galli e Fróes e roteiro e pesquisa de Fred Coelho, o espetáculo parte da obra de Melodia para discutir como sua música continua reverberando entre artistas de diferentes gerações.

O repertório inclui canções como "Questão de Posse", "Baby Rose", "Congênito", "Memórias Modestas", "Presente Cotidiano", "Magrelinha" e "Amor". Ao lado delas, aparecem músicas de outros compositores, entre elas "It's a Long Way", de Caetano Veloso; "Quando Canto", de Rômulo Fróes e Rodrigo Campos; "Promessas e Previsões", de Ana Frango Elétrico; "Dessemelhantes", de Juçara Marçal; "Mistério do Planeta", dos Novos Baianos; "Para-Raio", de Djavan; e "Você Não Vai Passar", de Ava Rocha e Negro Leo.

A seleção cria conexões entre diferentes períodos da música brasileira e percorre temas presentes na obra de Melodia, como cidade, amor, solidão, carnaval, morte, desigualdade social e a transgressão.

Uma nova experiência para Malu Galli

Conhecida por sua trajetória no teatro, no cinema e na televisão, Malu Galli assume no projeto uma função diferente. A atriz estreia como cantora tendo como ponto de partida um álbum que considera fundamental para a música brasileira.

A ideia surgiu depois que Galli assistiu a "Transa", releitura de Rômulo Fróes para o disco de Caetano Veloso. A experiência levou a atriz a procurar o músico para desenvolver um projeto semelhante a partir de "Maravilhas Contemporâneas".

"Pensei no Maravilhas Contemporâneas, de Luiz Melodia, como um álbum tão icônico quanto Transa", conta Malu Galli. A intenção, segundo ela, era construir algo que não se limitasse ao formato tradicional de tributo, mas que também dialogasse com a música atual e com o ambiente cultural dos anos 1970.

A direção musical de Fróes também evita uma simples reprodução do disco original. A banda participa ativamente das performances e explora diferentes possibilidades sonoras. Integram o grupo Rodrigo Campos, na guitarra e cavaquinho; Danilo Penteado, no baixo; Arquétipo Rafa, na bateria e percussão; e Filipe Nader, no sax e clarinete. Fróes também participa do espetáculo como convidado.

O roteiro de Fred Coelho trata o álbum de 1976 como um ponto de conexão entre gerações. A proposta é mostrar como a obra de Melodia permanece como referência para compositores contemporâneos e como suas canções continuam encontrando novos intérpretes e significados.

Depois das apresentações em Ribeirão Preto e Franca, o espetáculo chega a São Paulo no dia 13 de outubro. A apresentação será realizada na Casa de Francisca.

Quando o amor termina, a história continua

Espetáculo estrelado por Isabel Fillardis e Well Aguiar aborda separação, guarda compartilhada e os desafios de reconstruir uma relação após o fim

Divulgação



O fim de um relacionamento nem sempre significa o fim de uma história. É a partir dessa perspectiva que "O Começo do Fim", espetáculo estrelado por Isabel Fillardis e Well Aguiar, chega ao Teatro Itália, em São Paulo, para uma curta temporada entre os dias 8 e 24 de outubro. Com texto de Denise Crispun, direção de Rubens Camelo e supervisão artística de Amir Haddad, a montagem combina humor e densidade emocional para discutir os conflitos que permanecem depois de uma separação.

A trama acompanha um casal que precisa encontrar uma nova maneira de se relacionar depois que o vínculo amoroso chega ao fim. A existência do filho, Pedro, e a necessidade de compartilhar sua guarda mantêm os personagens próximos e fazem com que sentimentos, lembranças, conflitos e escolhas continuem presentes na vida dos dois.

A partir dessa situação, a peça aborda temas como divórcio, guarda compartilhada, saúde mental, relações inter-raciais e racismo estrutural. Mais do que tratar da ruptura de um casal, a montagem procura investigar o que permanece quando uma relação muda de natureza e como é possível reconstruir a vida sem apagar aquilo que foi vivido.

"A peça não fala apenas sobre separação, mas sobre o que se transforma dentro da gente quando um vínculo muda de forma. É sobre aprender a lidar com o que permanece", afirma Isabel Fillardis.

A parceria entre os dois protagonistas é um dos elementos centrais da montagem. Em cena, Fillardis e Well Aguiar constroem uma relação marcada por intimidade, afeto, contradições e conflitos, aproximando o público das situações enfrentadas pelos personagens.

"A peça fala sobre algo que todos nós, em algum momento, vamos atravessar. Não é só sobre separação, é sobre amadurecimento", diz Well Aguiar.

A direção de Rubens Camelo aposta em uma encenação intimista, com foco no texto e no trabalho dos atores. A supervisão artística é de Amir Haddad. Depois de uma temporada no Rio de Janeiro e apresentações em Brasília e outras capitais, o espetáculo chega a São Paulo como parte de uma circulação nacional que prevê novas cidades, ainda sem datas definidas.

Sustentabilidade em cena

Além da discussão sobre relacionamentos, "O Começo do Fim" também incorpora a sustentabilidade à própria concepção visual. Certificado pelo Instituto IPCEAT como o primeiro espetáculo ecoeficiente do Brasil, a montagem utiliza princípios sustentáveis na criação do cenário e dos figurinos.

Os elementos visuais foram desenvolvidos em parceria com a estilista indígena W'e'ena Tikuna e propõem uma leitura urbana da ancestralidade amazônica. A sustentabilidade, nesse contexto, aparece não apenas como preocupação de produção, mas também como parte da linguagem estética do espetáculo.